

A Psiquiatria

em rapida revista

por

Luís Guedes

Catedrático de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre
Diretor da Assistência a Alienados do Rio Grande do Sul

LIÇÃO INAUGURAL

na cerimonia da reabertura dos Cursos
da Faculdade de Medicina, a 1.º de
Março de 1934.

Meus Senhores.

A honrosa investidura que me conferiu a douta Congregação de nossa Faculdade de ser eu quem predicasse, neste dia solene da abertura dos Cursos, me tocou de indizível satisfação e indisfarçável desvanecimento, ao me ferir os ouvidos, célere, de inopino, o proclama da eleição.

Foi a minha consciencia de psiquiatra que exultou, despertada pelo momento da escolha, ante a vaidade de que me possuo de exercer actividade intelectual em tão insigne esfera da hipocratica ciencia, revolvendo, perquirindo, vasculhando, no pão nosso de cada dia, levado pelos azares do acaso, que bendigo, seus complexos e multifarios problemas, sempre edificantes e plenos dos mais vivos interesses.

Vaidade de psiquiatro, sim! Contemplar um mundo todo de ficções e de quiméras! Extasiar ante a maravilhosa policromia de fantasioso delirio! Pasmear ante a convicção indestrutivel de uma riqueza sem par! Admirar a alegria transbordante de uma felicidade perene! Ouvir as lamurias, os queixumes da alma que se confrange e se anseia nos paroxismos de uma dôr moral — tal o que observa a cada passo, e, além de mais, analisa, esmiúda, destringa, por entre o simbolismo das idéas que se traem pela frase, ou pelos atos, é ter a consciencia de penetrar a fundo no psiquismo alheio, devassar-lhe reconditos dominios, desvendar-lhe intimos segredos!

E' ter quase a percepção segura do desconhecido! E', sem o querer, nem o pressentir, ir adquirindo a noção de uma personalidade superior, especie de semi-Deus da Sabedoria Medica, capaz de conhecer, ponto a ponto, o misterio todo do mecanismo cerebral do pensamento!

Com efeito, se na pratica da medicina, a subtiliza da observação, a sagacidade e o bom senso, ao par de forte e decidido pendor, são indispensaveis requisitos para o seu desempenho honesto e consciencioso, mais se requér da argucia do psiquiatro que, em desbravar questões multiformes

mes da mentalidade humana, credita, com frequencia, a atenco detida e minudente, a minimas circumstancias, a esfumados pormenores, a insolitos fenomenos, perdidos, de longe em longe, na historia do paciente, para, joeirando-os, escoimando-os do que no lhe possa ser util, junta-los em sintese precisa, avaliar e ajuizar alfim, por um julgamento sereno, despido de qualquer erro ou preconceito, a higidez de uma razo que se arge de perturbada.

Nas veredas e devezas da Psiquiatria, ha, por certo, dificuldades a enfrentar. No fosse, at, a suavisar-lhe a trilha dos caminhos a eufonia da nomenclatura dos seus males, a encantadora linguagem da sintomatologia e sinalisao morbida, que nos deixa embevecidos de laborar em to nobre e elevado departamento do organismo, o cerebro, mais nos preocupariam as asperezas e os arrecifes a encontrar no extenso fo dos seus dominios.

Mas, em verdade vos digo (talvez ainda envaidecimento de psiquiatro): tal como a ciencia hoje se edifica, com a soluo satisfatoria de inumeraveis problemas, seja na sua concepo, seja na patogenia ou na especificidade das leses, no que tange tambem  esfera terapeutica, atendida a relatividade das cousas que se impem considerar, a Psiquiatria  de facil aprendizagem, a Psiquiatria  de facil penetrao!

No discurso do tempo em que colaboro no ensino desta Faculdade, mais de 15 anos, observo — no direi descaso ou desamor dos Srs. alunos pelo estudo dessa disciplina; antes, a falsa noo de ser difficil e, at, inacessivel. E tambem, sobretudo para os que vo mourejar em centros de populao reduzida, quase inutil e desaproveitada na vida pratica. Afigura-se-lhes, principalmente, verdadeiro labirinto onde se perdem os que ingressam nos seus volteios complicados e meandros tortuosos.

Na Grecia radiosa existiu, perdido na vastido dos tempos, o *labirinto de Creta*.

Ddalo o construiu,  ordem do rei *Minos*, para servir de esconderijo ao *Minotauro*. Vasto edificio ou palacio composto de repartimentos a milhares, passagens e ruas que multiplicemente se cruzavam. A sua original disposio fazia no encontrar pronta saida quem ali penetrasse em to esconsas divises. No entanto, *Teseu*, guiado pelo fio de *Ariadne*, conseguiu ir at o *Minotauro*, e matou-o.

Rematado erro se quiserdes ver na ciencia psiquiatrica um simile do *labirinto de Creta*. Ali, muito facil era o ingresso.

Como que escancaradas as suas portas ao olhar do viandante que transitasse  sua frente.

D-se na Psiquiatria justamente o oposto. Para lhe atingir os intimos recessos, ha sem duvida dificuldades iniciais. Todavia, mais na apparencia do que na rialidade. Induzidos, porm, de uma orientao segura, no defrontareis entraves, no vos estorvaro insuperaveis escolhos, para conhecer e rebuscar todos os seus desvos e escaninhos.

No necessitareis o estratagema do *Teseu* da fabula grega. Forrai-vos, sim, de conhecimentos medicos gerais. Ajustai-vos de um espirito de observao e analise metodica e paciente. Apercebei-vos de poder julgador minucioso e sereno. Isentai-vos de erroneos preconceitos. Po-

dereis, então, de rota batida, encontrar e ler em desparramadas letras — ÉSTE É TODO O EDIFICIO DA PSIQUIATRIA!

Não ha problemas arcanos ou insondaveis nos seus territorios!

* * *

A Psiquiatria tem por cogitação o conhecimento das desordens da mentalidade. E, evidentemente, essas desordens respondem a alteração mais ou menos funda, aqui ou acolá, de seus basicos elementos, ou de modificações funcionais, siquer. Logo, tal disturbio, que afirma afastamento ou desequilibrio da saúde, é uma doença. Como assim, com as prerrogativas que cabem aos outros males consignados nas paginas da Patologia Humana. Bem fóra de duvida: os aludidos desconcertos, leves ou intensos, ruidosos ou apagados, constituem episodios morbidos que se não diversificam de quaisquer outros expressivos de doenças de órgãos e aparelhos de nossa economia.

Haja aqui, désagora, lugar para inserirmos conceito absolutamente falso, que talvez ainda muito se entretenha, de que a medicina mental não tem relação com a medicina geral e não é preciso ser medico para cuidar alienados. Da mesma sorte, que estes são seres á parte, para quem subsiste um pouco de antiga concepção de que eram impregnados de possessão demoniaca ou de qualquer fluido divinatório.

E até hoje, nos dias que transecorrem, respeitavel numero de crentes vêm nos insanos exclusiva influencia de espiritos desprendidos das contingencias da materia.

Heresia transbordante! Absurda, avancarei, para não mais nela nos determos. E de incalculaveis prejuizos!

Dê-se vista, além de muitos casos, ao que documentadamente sabemos de um insano que, sob o regime *da mais organica das doenças mentais* — a paralisia geral — é entregue a tratamento de praticas espiritas, sob a justificativa de estar apenas atuado por um espirito perverso (!!) e sob a garantia de cura proxima e segura.

Um ano viveu, de tal modo, o infeliz, na progressão fatal de sua doença. Aí, então, decepcionada a familia, ignara e crédula, o entregou ao Hospital. Tardiamente o fez. Apesar de tudo, malarisado, deteve-se-lhe o mal: está hoje nédio e forte, mas a intelectualidade — irrefragavelmente decaida.

Quanta inconciencia e ignorancia!

* * *

Efetivamente, varias noções correm mundo como exatas, quando, bem consideradas, mui longinquas ficam da verdade.

Convém que as vejamos mais de perto, algumas pelo menos, principalmente aqueles que, indo ingressar no recinto psiquiatrico, devem ataviar-se das necessarias credenciais.

Assim, explanemo-nos sôbre expressões diferenciadas e que, no entanto, muito se confundem, em lamentavel barafunda, no transito comum da medicina mental:

Alienação e loucura, por exemplo. No conceito leigo, trivial, ha nos termos perfeita sinonimia. Vezeiramente, para quem não entende bem de tais assuntos, o que não delira, á exuberancia; o que não é pueril ou

grosseiramente absurdo nas manifestações da intelectualidade; ou o que, ao lado de certa coerencia e lucidez, maximé se o assiste integridade de memoria, inscreva os seus actos desordenados, o proceder irreverente, antisocial e seja tocado de impulsividade subitanea ou injustificaveis aggressões; ou perverso e amoral — que importa! — esses, para os desprevenidos do assunto, não são loucos nem alienados.

No entretanto, a questão é muito outra. Existe a loucura. Também a alienação mental. Alienados ha com delirio. Mostram-se alienados sem delirio.

Louco — é o paciente de um processo patologico ativo, que lhe vai na substancia cerebral, nos respectivos dominios da consciencia.

Alienado — é todo o que, por efeito de surto morbido ao psiquismo, se torna inadequado, inadaptavel, ás injunções do ambiente social em que vive (definição essa, á puridade digamos, convencionadamente admitida). Se alienado, que vêm de *alienus*, *alieni*, traduzisse, como á prima face transparece, o alheamento da personalidade propria, das relações cronopsiquicas e mesologicas, sempre que nos entregassemos ao natural estado de sono, rigorosamente estariamos em condições de alienação. Entretanto, bem assim não o é. Aceitou-se, de melhor, a significação convencional.

O idiota, o imbecil — parados no desenvolvimento; o demente regredido pela senilidade, enfermos de residuo patologico ou de processo involutivo, não são loucos. Apresentam, contudo, reacções antisociais: simplesmente alienados.

O parafrenico, o paraneico, o escleroso-cerebral com suas expansões delirantes; o paralitico geral e muitos outros — não só loucos, porque neles ha atividade de processo patologico, senão também alienados, por offerecerem, á primor, os necessarios requisitos.

A noção restrita da loucura contém-se, assim, dentro do conceito da alienação, muito mais amplo.

Caracteriza-se a *loucura* grande numero de vezes por *idéas delirantes* ou por *delirio*.

E o que é uma idéa delirante? E' toda a idéa absurda ou impossivel, ou, embora compativel com a veracidade ou a ordem natural dos fatos, sómente contraria á rialidade, e, sobretudo, sem razão de ser na bôca de quem a elabora e profere:

Um individuo se imagina transformado em grão de milho: tem um pensamento delirante, ao mesmo passo que absurdo.

Acredita outro estar arruinado, empobrecido. Eis uma idéa que repousa sôbre cousa verosimil e provavel: delirante tão só em relação á pesoa que a emite, pois não traduz a exatidão do assunto.

De ordinario apresenta-se a idéa delirante combinada a outras da mesma natureza, formando homogeneo conjunto: esse conluio de idéas é o que se conhece por *delirio*.

Pois bem. Tais desordens da ideação, frequentissimas, é certo, que emprestam nitida caracterização e colorido aos estados de loucura e alienação, nem sempre nelas comparecem e nem por isso lhes infirmam o conceito que, ha pouco, referimos.

Aponta-se, corriqueiramente, como causa eficiente de intensa perturbação do psiquismo, a *emoção*.

Muitas vezes, em novelas e romances, sabe-se de um herói de gloriosas aventuras fraquejar ante a noticia inesperada de uma desgraça e subitamente enlouquecer.

Não pôde bem ser como se conta. Nem a loucura é subitanea nem esse fator é de tanto peso e relevancia.

Indubitavelmente, são as emoções o facho vezeiro com que se acende a loucura. Mas, é preciso admitir a existencia de anterior estado propiciante, seja a constituição psicopatica, tocada já de outros motivos de maior vulto e eminencia.

São antes *as emoções* a gota d'agua que faz transbordar o vaso que a contém.

Promovem-se, com efeito, as desordens da mentalidade quando factores de comprovada autoridade atingem a séde do mecanismo cerebral do entendimento, exercendo aí ação nociva, alterando, degenerando ou destruindo as celulas nervosas respectivas.

Dêsse modo, atuam intoxicações de toda a sorte, infecções, traumatismos directos, males intensamente organicos. E, segundo o doutrinador de *Freud*, a emoção de origem ou base sexual.

* * *

Supõem os que não conhecem um manicómio que neste, por ser casa de Orates, impere a desordem e a anarquia.

Pensam aí encontrar legitima sucursal do Inferno de Dante.

Justamente porque do louco se imagine que viva a esbravejar, a gesticular, a enfurecer-se, concebe-se que um agrupamento deles constitua verdadeiro cáos, onde se movam a deblaterar e a agredir!

Nada mais aberrante da verdade!

E deduz-se tambem que o insano seja sempre perigoso e pergunta-se: *onde se guardam os furiosos? Quais os meios de os conter?*

Dir-vos-ei, primeiro: época houve, não vai longe, em que nos frenicomios manietavam-se, a ferros, os alienados e enjaulavam-nos como se fossem feras terríveis e indomáveis. Para maior brilho e maior gloria da Ciencia Psiquiatrica, um vulto grandioso da Humanidade, *Felipe Pinél*, na *Bicêtre*, rompendo preconceitos e costumes do seu tempo, quebrou os grilhões que acorrentavam todos aqueles infelizes, mostrando convicto, seguro, quão outro deveria ser o tratamento dos insanos.

É a *fase moral da terapeutica da loucura*, que conta aí seu limiar e se vem aprimorando, enriquecendo-se, vez a mais, de valiosissimas aquisições e metodos racionais, á luz rigorosa da medicina investigadora e incessante, que não esmorece e nunca se detém em sua ansia de progresso e perfeição!

Hodiernamente, ao lado da brandura, da delicadeza do trato, da consideração a que fazem jús, por doentes, do devotamento que requerem á sua causa, para o que o psiquiatro deve ser forrado de uma paciencia sem fim, sempre superiormente humorado, mas sem se desprender de uma precisa austeridade; concio de que o seu papel é de emprestar a razão a quem na perdeu e de promover os meios de a restituir, utilizamos, com o maior proveito e resultado, sobretudo para os insanos que

se *agitam*, conceituados, a falso, de *furiosos*, a triade terapeutica magnifica:

— *Isolamento, clinoterapia, balneoterapia.*

Isolamento, isto é segregação do ambiente familiar, do meio buliciozo: afastam-se, assim, os incitantes e as excitações ao psiquismo.

Clinoterapia, que importa em repouso no leito e atende á fadigaçã dos musculos, poupa o organismo que se desperdiça e se exaure no dinamismo que o delirio proporciona.

Balneoterapia, sedação mecanica ao sistema nervoso exacerbado, reparador de forças esgotadas.

Ha, certamente, na aglomeração de alienados, muita bulha e alarido.

Mas nós não conhecemos os que se apregoam de *furiosos*. E' nominação que não se usa no cotidiano trato dos Manicomios.

E exatamente porque nenhum deles se observa a quem possa, de verdade, caber a qualificação que o adjetivo especifica.

Tem-se, sim, os que são presa, pelo determinismo de suas psicoses, de intensa agitação ou forte excitação psicomotora. Sem embargo, muito menos dramatica a rialidade do que geralmente se supõe.

Em uma população de 1.600 insanos, ha uma vintena, talvez, de *agitados ao mesmo tempo*. Aqui um delirante — alucinado, movido pelo alcool, que vociféra e corre, a esmo, atraz do que parece ver na sua frente, ou pelo que sente no seu corpo.

Acolá — um maniaco, movediço, barulhento, de desenfreado automatismo, mas que a todo o instante se aquieta e se aniquila, a mercê da pronta variação do seu humor.

Quanto ao perigo de que muitos se arreceiam, existe, não ha negar, porém não do modo por que erroneamente se prejulga.

Em regra, os mais excitados são os que menos se devem temer. Perigo sim, comumente, nos de apparencia tranquilos. O *esquisofrenico*, por exemplo, quêdo, estatuario, em acinetica postura; contudo, vivendo passagens do seu *Eu* interior, sai, quanta vez, em subita impulsão, da inercia em que se encontra, para agredir, indeterminadamente, a qualquer um que esteja ao alcance de suas mãos.

Mais que êsses, os *perseguidos*, que, na mansuetude das interpretações delirantes, ruminam, silenciosos, tenaz perseguição de que são viti-mas e arquitetam, á socapa, como suposta reivindicacão a direitos ofendidos, a vindicta contra imaginarios perseguidores, incientes estes do que se cogita e prepara em torno da personalidade incauta e desprecatada.

Não padece duvida tambem que o *epileptico*, em crise psiquica do mal, comete depredações de vulto, desmedidas, assumindo, com frequencia, proporções de tragicos sucessos.

Os *maniacos*, que têm a palma da vitoria em ser os mais agitados docentes dos asilos, por exceção empregam a sua atividade desordenada para agredir as pessoas que deles se avizinham.

* * *

Outra noção extremamente difundida é a de “viver com os loucos, facil é tornar-se louco”.

Levado pelas contingencias de multiplos motivos, pôde o medico, ou

o enfermeiro de frenopatas, alienar-se. Nunca, porém, *pelo fato que se aponta*. Falam, eloquentemente, estatísticas negativas de hospitais de insanos.

Entendemos até que se confere aos profissionais certo grau de imunidade, tal como é observado na medicina das molestias infectocontagiosas.

Não obstante, a nossa afirmação não vai a ponto de negar o contágio mental, que se consubstancia até em psicoses perfeitamente definidas.

Paginas inumeras da Historia da Humanidade cuidam minudentemente do assunto. Lembremos a *loucura dos possuidos* da Idade Média. A dos *Jansenistas-Apelantes* do seculo XVIII. A de certos espiritas e ocultistas de nossos dias, bem que de outras praticas religiosas, autenticos modelos de verdadeiras epidemias delirantes.

Não vai longe o exemplo de Canudos, nos sertões da Baía, pintado ás maravilhas pela pena prodigiosa e inexcedível de Euclides da Cunha.

Temos, no episodio dos Muckers, que tristemente se inscreveu em paginas inapagaveis de nossa historia regional, outra prova perfeita e insofismavel.

Mas, em todos esses casos, surge a loucura vinda de preparação lenta e subtil, inconcientemente organizada. A multidão, composta grandemente de verdadeiros espiritos de imitação, repetidores fieis de idéas ou gestos de algum iluminado que, não raro, chega a impressionar, ainda no domínio do razoavel e normal, atinge, por vezes, nos seus pensamentos, nos seus atos, ás raias do absurdo e da loucura.

No entanto, o mesmo não succede com aquele que, superiormente, costuma lidar com o alienado.

A condição primacial para que se processe o contágio da loucura, é a *sugestibilidade*, porta aberta por onde, a fio de oiro, penetram as vontades alheias.

Ora, não se concebe que o medico ou o enfermeiro se deixem tão facilmente assim suggestionar por aqueles, ás sabendas, ausentes da *razão*.

Se tal lhes acontece, é que já consigo trazem o preparo do terreno; mais que isso — notavel insuficiencia do psiquismo, talvez latentemente conturbado.

De igual estofo, o que pensa e receia ficar louco, por algo que sinta na cenestesia disturbada, e com tal se preocupe de maneira empolgante e obsidente, *por esse fato de sua imaginação* — não vai nunca a ponto de desassisar-se.

Nem isso é loucura, pois que não só ela é inconciente, como exige especial preparação pela força e eficiencia de causas respeitaveis, onde não ha lugar para a propria sugestão.

* * *

A Psiquiatria não tem a unica finalidade do tratamento dos males do psiquismo.

Ramo importante e distinto da Medicina Publica, é valiosa e proeminente a sua interferencia nas cogitações dos interesses da Coletividade Social.

Donde, ser solicitado, a cada passo, o seu auxilio, em prol do Direito

e da Justiça, quando se trata de solucionar problemas de capacidade civil e responsabilidade criminal.

Crime e loucura são triviais expressões que andam, quase sempre, de parágaria. Não se esmerile aqui a complexidade do assunto, mas acentue-se que o delito é “*um ato e todo o ato é a resultante de um processo psicologico de adaptação do individuo ás excitações do meio que o rodeia.*”

Cometer um delito é atuar. E' uma maneira de atuar.

A atividade anormal, que, em relação ao ambiente, se manifesta como ato antisocial, é produzida pelo funcionamento anormal do psiquismo.

Em uma síntese perfeita, após documentada dissertação do assunto, DIONELIO MACHADO sentenciou:

“Na genese do delito, qualquer que seja a influencia direta ou remota, — secundaria sempre porém — da sociedade, o fator preponderante é inquestionavelmente o psiquice.”

Para o estudo de acontecimentos dêsse jaez, bem como na investigação da capacidade civil, a toda a hora se requér o concurso da ciencia psiquiatrica. E os interesses da coletividade são os mesmos nos grandes centros como nos de população reduzida.

Não se louve, pois, do medico, *pars magna* da sociedade em que vive (maiormente os que se vêm sós ou quase sós em localidades de poucos habitantes), o pretexto de inciencia para se eximir de colaborar na resolução da problemas de tal monta.

Vem a talho de foice, então, agora, consignarmos que as nossas leis, ao condicionar excusas de delinquencia e situações de entendimento á efetividade de conturbação mental ou á inteiricidade do psiquismo, registam e sancionam expressões que se distanciam, em muito, da verdade.

E' da letra de nosso Código Penal que “a perturbação dos sentidos e da intelligencia” derime responsabilidades.

De feito, não coincide bem êsse requisito com o conceito clinico da questão

Perturbação dos sentidos, literalmente interpretado, é a turvação dos aparelhos dos sentidos: visão, olfação, audição etc., e *da intelligencia* — não abrange, a rigor, todos os fatos que se relacionam ao psiquismo.

Prefira-se, por isso, investigar o tema, referindo-o á consciencia, que encerra em si faculdades da intelligencia propriamente, morais e affectivas.

A *consciencia*, aceitamo-la como Déspine a qualifica: “o conhecimento, a percepção pelo *Eu*, pelo *ser que se sente ser*, do que transcorre na sua personalidade, dos seus atos, de si proprio.”

Quando ela se apresenta combalida, é que ha desordens nos seus elementos formadores.

Por tudo, escolhemos dizer perturbação da consciencia, ao invés de “dos sentidos e da intelligencia”.

Do mesmo molde é o que especifica a lei: *Intervalo lúcido*.
Velharia.

“Um erro pelo menos de 24 seculos” — nos assegura Afranio Peixoto. “Das *Leis das Doze Taboas* passou ao Direito Romano, ás legisla-

ções novi-latinas, graças á Psiquiatria atrasada, outróra, e tradicionalista hoje.

— “D’Aguesseau, em celebre sentença, definiu bem o conceito do intervalo lúcido numa imagem: “não é um crepusculo que prende o dia á noite, senão uma luz perfeita, um brilho vivo e continuo, um dia pleno e completo que separa duas noites”.

Simplesmente, não ha disso na observação das doenças mentais.

Esse parentese da razão, entre duas crises de loucura, resulta do vicio teologico de interpretação das doenças mentais como possessão demoniaca ou alienação da alma. Se a posse cessava, se a alma já não era outra, o intervalo lúcido se verificava, voltando o antigo estado, bem que transitoriamente.

Por isso, ainda mais claramente insistia d’Aguesseau: “E’ preciso que seja, não uma simples remissão do mal, mas uma especie de cura passageira, uma intermissão, tão claramente distinta que seja semelhante á volta da saúde” (Afr. Peixoto, in *Psicop.*)

Intervalo lúcido seria, pois, na intenção do legislador, a perfeita sanidade de espirito.

Exigindo a lei integridade de psiquismo para que se usufrua da capacidade e haja responsabilidade, legais, em toda a sua plenitude, torna-se evidente que o intervalo lúcido tem de responder, com precisa exatidão, a essa integridade, quando, de fato, tal não acontece.

Existem sim, as *remissões*, mais ou menos acentuadas, de duração mais ou menos longa, que são melhoras apenas de fenomenos morbosos, de acuidade delirantes etc., como é vezeiro succeder na esquisofrenia, na demencia paralitica, para exemplo.

Ha tambem as *intermissões*, que significam a cura de accidentes episodicos delirantes, efetivados numa psicomentalidade morbida.

Em tais circumstancias, observa-se na psicose maniaco-depressiva, doença constitucional que se manifesta por paroxismos agudos de conturbação mental, em periodos ritmicos ou irregulares. Na *epilepsia* psiquica, nas fases que defluem das crises ou ataques, a que se segue, então, o feitio habitual da constituição psicopatica respectiva, a qual, assiduamente, exterioriza estado de debilidade mental ou de demencia; e, por ultimo, nos chamados delirios episodicos dos degenerados.

Aproveitemos, neste ponto, o ensejo de inserir, que, igualmente, se não deve tomar a *lucidez de espirito* como equivalente de integridade mental.

A *lucidez*, quer no sentido da orientação do individuo, relativo á pessoa, ao meio, ás relações cronopsiquicas, quer como explicativa de atos determinados e coordenados, e tranquillidade aparente, não exclue a efetividade de uma conturbação mental.

Ainda o *epileptico*, em surto psiquico violento, póde determinar-se, coordenar atos e consuma, frequente, as mais lamentaveis depredações, não raro com tranquillidade aparente, que a todos causa pasmo! No entanto, ignora, ao depois, os pormenores do successo, pois teve aí a consciência obnubilada, por completo.

O perseguido, o alucinado, o maniaco, o melancolico, até o esquiso-

frenico, em impulsão movida por incitante de aspecto verídico, ou puramente emanado de uma ideologia imaginaria, são, bastas vezes, *lúcidos*, mas têm, sob o disfarce de tranquilidade aparente, a consciência que turbilhona num mundo de ficções e fantasias ou de conceitos falsos e extravagantemente incoerentes!

Se os inspecionarmos logo após o ato da impulsão, lidimo produto de sua morbidez, os perceberemos *lúcidos* e *tranquilos*, a impressionar os incientes e jejunos do intrincado problema.

Simulação de loucura é tema de que a toda a hora se cogita, maximé se vêm a balha interesses da Justiça.

Existindo, como certo, relevante relação entre as desordens ou desvios do psiquismo e a delinquência, a ponto do rigor psiquiátrico considera-la como de causa a efeito, sempre se suspeita que o criminoso intende passar por alienado para eximir-se de penalidades. Esse, ou outrem com interesses ocultos e inconfessáveis.

Ha, veramente, constante preocupação a respeito de tais assuntos. E a pratica sanciona tais cogitações.

Embora sem negar a rialidade do fato, dizemos apenas que o fenomeno é de minima frequencia. E isso porque nada mais difficil de falsificar do que a loucura. E, se tal acontece, esboroa-se logo, por grosseiro, o embuste ante a suspicacia, até pouco avisada, do psiquiatro.

Imbuídos de que todos os atos de loucura são, em absoluto, extravagantes e as expressões intellectuais, discussões etc. dos alienados sempre pueris e insensatas, o simulador entrega-se, em geral, a gesticulações imoderadas, atos ridiculos e a divagações incoerentes. E, se inquirido, tudo responde por negativa sistemática ou pelo absurdo — inciente que é dos caracteres da loucura — natural, lógica e precisamente psicologica em todas as suas manifestações. Desta sorte, só consumado artista, de vasto e profundo conhecimento dos males do psiquismo, poderá, talvez, desempenhar êsse papel sem ser, de pronto, reconhecido na mistificação.

Acredita-se, no entanto, que, quem tal o fizer, haja ou não legitimo interesse, é por já trazer consigo terreno favoravel, se já não fôr debil ou psicopata confirmado.

Muito ao contrario da *simulação*, bem assiduo, frequentissimo, é a *dissimulação* da loucura.

Podemos até assevera-la figura primacial e integrante de inumeros quadros clinicos de conturbação do psiquismo.

Em estados delirantes parciais, como em outros, verifica-se o fenomeno, de comum, associado á enconstradiça *reticencia*... no que dizem, no que pensam...

Com efeito, a cada passo se assinala o esconder o delirio, o disfarçar os atos, entre os alienados, ou apropositadamente para alcançar colimado fim, como a sua liberdade, ou para não parecerem a quem os observa que estejam, rialmente, *loucos* — idéa vaga, esfumada, e que lhes ocupa, de longe, a consciência, de que em verdade se encontram fóra do uso da razão.

Por isso, estranham e embasbacam quantos os visitam, mórmente se

lhes desconhecem particularidades, e, de logo, nos interpelam: onde está a loucura, se falam tão bem, com tanto acêrto e tanta sensatez?

* * *

Srs. — Proclamamos de inicio que, a despeito de certos obices, facil é aprendizagem e o exercicio da Psiquiatria. Com esse aviso, prévia advertencia em que exaustivamente nos perdemos, acompanhai-nos, agora, em visita a alguns doentes. E registemos o que neles póde a nossa percepção surpreender e observar.

Aqui está um:

D. Maria: Senhora de avantajada idade. Na fisionomia esbatida, nítida amostra de seu estado de espirito. Deixa expressar, através a analise detida das faculdades que lhe compõem o psiquismo, inferioridade mental de constituição. É uma debil. Além disso, a rudimentar ou nenhuma cultura recebida não lhe deu melhor graduação ao nivel da intelectualidade.

Nota-se-lhe acentuado apagamento das idéas. Desinteresse pela vida. Ausencia, quase inteira, de vontade propria.

Tudo vêm de que se viu a braços, no decorrer da existencia, com duros golpes morais que a feriram, seriamente, na afetividade: — a morte de pessoas caras, como os filhos, em plena idade de esperanças. Grave, por demais longa, enfermidade do esposo que teve os derradeiros dias de sua vida amargurados por penosos, cruciantes padecimentos fisicos. Perda do bem estar social que se seguiu a essas desgraças. Dificuldades e entraves de toda a sorte para bem garantir a sua manutenção e a da familia, fazendo que, a pouco e pouco, em constante lamuriar, se fosse segredando do convívio do mundo — tudo poderosamente influuiu para que criasse D. Maria o véo duro da tristeza com que permanentemente se acoberta!

Nada mais vê senão recordações das desditas passadas com que vive dia e noite a remoer a lembrança de horas felizes que contou, poucas talvez, para ela, em face de tão grandes infortunios.

Falece-lhe a vontade de reação para se remir das angustiantes visões em que é infeliz protagonista; por isso, o mundo se lhe afigura paisagem morta, de eternas cores negras.

Ha de fato, na paciente, **embora não delire**, todo morbido de sentimentalidade, que cai de modo sensível nos ambitos de uma **depressão melancolica**, comodamente enxertada no psiquismo debil. E eis porque não se soube defender, nem reagir contra as exageradas idéas de aniquilamento da personalidade! Dai, também as faculdades superiores de raciocinio e julgamento se exibirem incertas e, cada vez mais, se depredarem.

Aquela outra infeliz criatura que ali vêdes, de cabelos já em marcha de calvicie consumada, com a facies grandemente deprimida; de olhar languido, sereno, tem uma triste historia a nos contar:

— Mãe de 4 filhos menores. Por sua constituição psicopatica, ao embate de realidades da vida e, provavelmente, fatores outros não muito bem investigados, entrou, certo dia, a entristecer, a ensimesmar-se e a esconder-se do convívio social de sua ambiencia.

E, em pouco, transmudára-se-lhe o habitual humor. Ora cá, ora lá — lagrimas furtivas a caírem, a oito, de seus olhos. Não faltou, na familia, observador suspicaz que o percebesse. Logo após, já não as ocultava, e, ao lado de interiorisados pensamentos, que alimentava e remoia, afasta-se dos outros e permanece, horas a fio, em attitude de quem amolentadamente medita e se analisa. Mais adiante, a tristura que lhe invade a alma, impressionantemente se estampa na fisionomia desfeita e abatida. E já acentuado grau de angustia e ansiedade. Insone, sempre e sempre se revela a aflição que a invade em todo o senso cenesestico. E agora se enxertam, a mancheias, no pensamento irrefreado, idéas desarrastoadas, inverídicas, francamente delirantes:

Foge-lhe a alegria de viver, sente-se arruinada, irremissivelmente perdida para a felicidade e para a vida; seus órgãos já não funcionam como dantes: O coração quase a parar, não oferece resistencia para ir longe, muito além! Estomago que nem pedra! Cerebro vasio!

Os proprios objétoes que tóca transferem aos outros a sua desdita. Não sente mais a dôr do infortunio, nem os padecimentos fisicos que angustiosamente a martirizam. E' quando imagina, como unico lenitivo, morrer, pôr fim á sua vida, mas levando consigo os entes que lhe são queridos.

Procura, então, na ansia que a invade, na inquietação em que se debate, efetivar o seu lugubre desejo. Começa em prender fogo na casa. Perebem-na doente. Vigiam-na. Mas, sob a apparencia de melhoras, outra vez anda só e de-libera. Voejam-lhe novamente os mesmos tristes pensamentos e, em momento de coincidencias propícias, quando levava aquelas criaturinhas — de 10, 8 e 3 anos (gêmeas estas duas) — a um banho, em arroio proximo á sua casa, ao mando imperativo de uma voz misteriosa que lhe impõe aos ouvidos "mata" (alucinação auditiva), afogou-as em um ato desmedido e cruel de inconscito automatismo.

E' o que se apelida de **altruistico homicidio!**

Ao depois, em movimento rapido, quis dar cabo de existencia, não consummando, porém, o tragico desígnio pela temporanea intercessão de alguem que a socorreu.

Eis, aí, a evidencia de um estado morbido. A Patologia mental o denomina **melancolia delirante**. E culminou em delinquencia!

Voltai vossa atenção agora para êsse que traz na fisionomia sorridente a franca alegria de que está tomado.

Individuo em pleno periodo de maturidade. Nivel mental elevado. Boas noções filosoficas. Temperamento nervoso. Retraido, sobre si; ordeiro; disciplinado.

Entregava-se, antes de adoentar-se, ás injunções de uma labuta profissional diaria (pastor protestante).

Refere, em seu passado, venusinos males. Entre eles a sífilis, maltratada, relegada a descaso.

Certa ocasião, entram a notar pessoas de seu convívio, sensível transmutação dos habitos e caracter.

De fato, aí, em frisante contraste com o costumeiro proceder, torna-se expansivo por demais e adquire loquacidade fóra de comum. E já, a olhos nitidos, ao par da euforia, que transborda, idéas delatorias de impressionante grandeza.

Irriquieto, insone, volubilisa-se nos atos cotidianos de sua vida, fugidío do bom senso: abandona o trabalho que foi sempre o legitimo esteio de sua subsistencia.

Cresce-lhe em demasias a grandeza; avoluma-se; empolga-o em toda a sua vida psíquica: “Marechal do Exército Alemão! Imperador, soldado do Kaiser, pertence-lhe toda a Confederação Germanica!

Possuidor de milhões e remilhões, só viaja em Zepelin especial, todo seu, marchetado de ouro!

Uma vez, enfaticamente declarou: “embarquei ontem cedo em Berlim; almocei em Paris e ontem mesmo aqui cheguei”!

Ofereceu-nos o titulo de Reitor de todas as Universidades da Alemanha!

Viajando bem alto, pelo espaço azul e luminoso, aproximou-se do planeta Marte, avizinhou-se de algumas estrelas mas por lá nada lhe agradou!

Veiu ter, de novo, á terra, para trabalhar de sorveteiro, afim de prover o sustento da familia. (!) Chora, vez que outra, pela miseria em que se encontra e mostra o esfarpêlo das vestes e as botinas descosidas e safadas.

E assim, incessante na palestra, feliz e satisfeito, sem medida para o incommensuravel de seu fantastico delirio, mas pobre ao mesmo tempo, sem perceber, nem dar conta do absurdo do contraste, na mais completa ausencia de autocritica e julgamento, vai evidenciando, ao lado de opulento somatismo, as desordens profundas e globais da sua mentalidade, em via de séria decadencia e total demolição.

Estamos, em tal caso, na presença de uma **paralisia geral**, entidade morbida de superrimo relevo.

Acerquemo-nos agora daquele que ali vem, a passos lentos, “braço cruzado sôbre o largo peito”, relembrando a **napoleonica** figura.

Reparai-lhe a majestatica attitude. Nas linhas do seu rosto, na quase alvura dos cabelos, vê-se que já percorre o crepusculo da existencia.

E' um velho pensionista do Hospital.

Sabemos-lhe bem toda a serie de acontecimentos que se inscrevem referentes á sua pessoa. E' lucido; orientado. Integra memoria. Vontade firme, inabalavel. Polido, respeitoso, aprimora-se na compostura, no traje, no asseio. Associa escoreitadamente as suas idéas, deladoras de nivel mental pouco elevado. Até aí, tudo normal. Se propositadamente, e a geito, entretivermos com ele palestra de longa duração, pelo mesmo estalão se desfiam as manifestações de sua mentalidade.

Tocar-lhe, porém, na fibra sensível, no ponto doloroso de suas cogitações, é vir á tona, então, toda uma serie de idéas delirantes que lhe povoam o cerebro. Todavia, por conveniencia propria, esconde, muita vez, suas locubrações, ao conhecimento, de qualquer um. Em nos confiar, porém, o segredo de sua geração e “aquele que diziam ser seu pai, não o era, porque sua mãe e uma tia que o educára eram amasias de uns principes americanos que peregrinaram em terras do Brasil” — nitidamente mostrou quão conturbado lhe andava o psiquismo!

Com effeito, no decurso de sua longa narrativa, nos deu ciencia que essas senhoras apenas o eriam. E, de quando em vez, lhe falavam qualquer cousa que mais tarde compreendeu serem desprevenidas confissões de sua verdadeira origem.

Fez-se homem e, serventuario do Estado, época houve em que sofreu tenaz perseguição de invejosos, que queriam a todo transe afasta-lo do emprego. Não o conseguiram, porém, graças á sua grande influencia eleitoral que o impôs ao respeito do então Chefe da politica dominante. Mas, dentro em pouco, este se tornou tambem seu desafecto, a ponto de mandar assassiná-lo, do que se livrou por aviso que, a occultas, recebera — isso porque lhe tinha essa personagem muita

inveja dos trabalhos scientificos que ele paciente escrevera a respeito da vida nos mundos planetarios!

Correm os tempos, cresce a inveja de inimigos, que lhe intentam fazer mal, e dos quais se consegue libertar por communicações vindas do espaço através de seus ouvidos.

Belo dia, porém, sua mulher entra no acôrdo e manda prende-lo em casa por uma força da Polícia, que o conduz ao Hospital, onde lhe notificam, então, que estava louco!

Mais tarde, previne-lhe um espirito: era ele filho de um **principe americano** (!) que o enjeitara, por questões politicas, nas mãos da tal amasia de seu pai, a qual em longo praso passou por sua tia.

Esse espirito lhe disse tambem que havia em Roma um tesouro que o Principe lhe deixou, de dois mil e tantos caixotes atulhados de moedas aureas e argentinas!

Como tivesse a faculdade de se comunicar, á distancia, com qualquer pessoa, chamou o secretario do Papa que lhe confirmou, de fato, a existencia de tal quantia, e muita cousa mais, herdada de seu rial Progenitor

Com essa soma fabulosa comprou uma cidade, que mais tarde foi reconhecida pelo governo dos Estados Unidos e onde possui dezenove poderosas esquadras, cujo comando chefe confiou ao Almirante **WILLIAMS TAMUCLES**, subchefiado por **GIOVANI DE MOSSORI**.

Com eles entretém relações por meio do poder especial de perceber, pelo ouvido, tudo o que lá se passa...

E' de vê-lo, por vezes, entregue ás alucinações que se concertam, quase sempre, com os seus pensamentos delirantes, e ás voltas com o grande arquivo que possui, onde lança toda a correspondencia recebida, graças ao dom que Deus lhe deu. Aí, então, se transfigura e vibrante, energico, majestoso — gesticula, vocifera, exclama, dá ordens, expede decretos e toma importantissimas deliberações!...

Com frequencia veem-se surgir, por sua bôca, vultos eminentes do cenario politico nacional; ás vezes, até mortos ressuscita e de tudo toma notas e transcreve com corvicação profunda todos os morbidos pensamentos, como si possem reprodução de veridicos sucessos!...

Tem perfeitamente organizado todo o seu imaginario reinado! As personagens de sua côrte, os officiais de sua esquadra — sempre os mesmos, imutaveis!

Interpelado a proposito de certos fatos, explica, argumenta, deduz, raciocina, com um conjunto de interpretações, de tal modo coerentes, que dir-se-iam reais, si não emanassem de um falso ponto de partida.

Ha, pois, nitidamente, nele, abundantes alucinações auditivas, idéas delirantes persecutorias de grandeza. E, si repararmos agora através dos factos que esboçámos vemos que esse delirio se vem arquitetando, sistematizando-se num crescendo, aos poucos, até faze-lo guindar-se ao que é hoje — Principe da Brescia; senhor de grande cidade; possuidor de poderosas esquadras, parte das quais esteve ao serviço da Conflagração Européa; dono de colossal fortuna; mas que, pelas terribes manobras de seus infernais inimigos se encontra prisioneiro no Hospital São Pedro, onde gosa, só por sua arraigada convicção e pela capacidade auditiva que possui, a sua fantastica riqueza!

E' esse nosso insano um delirante parcial, cronico, alucinado, perseguido, megalomano.

Razões clinicas de sobra o enquadram, ás maravilhas, na apelidada **Para-**

frenia de Kraepein, ou seja psicose alucinatoria sistematizada progressiva dos autores francezes.

Ouvistes, ha pouco, grito estridulo e apavorante, qual se fôra um guincho de pavão? Vem daquele que estortereja em paroxismo convulsivo e se contorce e escabuja nas sacudidelas dos musculos retesados, que ferem o chão onde caiu.

Atentai nos olhos revirados, na babugem sanguinolenta que lhe escorre dos labios entreabertos, na lingua mordida pelos dentes. Não dá côr de si. Já dentro em pouco emerge, pesadamente, da acidentada ausencia em que estivera. Desperta, adormentado ainda todo o corpo, com olhar surpreso e esgazeado, balbuciando frases soltas, sem nexo. Alheio ao que lhe ocorre, não percebe bem ainda aonde está. Parece-lhe, tudo, aflitivo pesadelo. Sombrea-se agora a fisionomia na tristeza que lhe invade a alma, pois suspeita ou adivinha ou talvez tenha ciencia, por estranhos, do que mais uma vez lhe vêm de succeder. Esse mesmo que aí está, de outras feitas, ao regressar de tão impressionante espetaculo, entra a delirar ou mantém-se, longo tempo, obnubilado de conciencia.

E' um epileptico.

* * *

Muitos, muitos outros quadros nitidos, de inconfundivel colorido, de limitação irretorquível, haveria ensejo de vos apresentar, se o tempo e a preciosidade de vossa atenção m'o permitissem. Tudo para mostrar que a nossa ciencia não é o labirinto a que aludimos, nem o cáos em que nada se entenda, ou nada se perceba e tudo se consubstancie num só rotulo: a *loucura*.

Longe disso, temos expressivas representações de syndromes precisas e entidades morbidas autonomas.

Ora, a Psiquiatria, tal como se hoje codifica, é quase tudo isso.

Bem sabemos, contudo, não ser bastante conhecer-lhe as divisões, a limpidez dos quadros clinicos, porque aí apenas se interessa a diagnose.

Mas muito já se tem certeza do que fala á etiologia, á anatomia patologica, á evolução, ao prognostico.

E tambem da terapeutica. Ha, de seu dominio, uma doença que, se quisessemos, em competição com os males conhecidos da patologia de outros órgãos, aquilatar dos progressos da investigação medica, nos colocaria, sem duvida, em plana superior.

Referimo-nos á já aludida paralisia geral. Morbida entidade, perfeitamente definida, com sua fenomenologia, a primor, discriminada. Sabida patogenia. Agente causal especifico bem conhecido, pesquisado, ás rebatinhas, pelo laboratorio, em multiplos processos, que servem até aos outros de contrôlo. De anatomia patologica caracteristica, perquirida e esmiuçada á exaustão. De prognostico seguro, livelando-se pela gravidade do exito letal a flagelos outros da humanidade, como o cancer e a tuberculose. E tanto assim que ingressasse alguem nos manicomios, com a recomendação de *paralítico geral*, haver-se-ia de inscrever entre aqueles para quem se reservava, á justa, a legenda de Dante nos umbrais do Averno:

Lasciate ogni speranza, ó voi que entrate...

Fomos disso testemunha durante longos anos no Hospital onde labutamos. Por nossas mãos passaram, em cota elevadissima, doentes de

tal categoria. Só um vimos sobreviver á sentença fatal, pelo acaso da sorte. Caso insolito e previsto de *espontanea remissão*. Os mais todos tiveram os seus dias terminados.

Eis que entrou, na pratica da terapeutica mental, pela autoridade de von Jauregg, a chamada terapia do paludismo (*malarioterapia*). Os resultados foram, de inicio, encorajantes e, logo após, surpreendentes! Uma ou outra inconveniencia que se procurou remover. Lavoreou-se o metodo. Melhor conhecimento das ocorrencias clinicas. (Consultem-se, a proposito, autores de nota: entre muitos, WALDOMIRO PIRES, do Rio de Janeiro; TELEMACO PIRES, entre nós).

Hoje, o exercicio da malarioterapia é mais corrente, mais facilitado, mais comum, porque se restringiram, ao minimo, contraindicações, até pouco, relevadas. (Ouça-se, a respeito, o nosso MURILO DA SILVEIRA).

O salutar efeito do metodo, no processo evolutivo da paralisia geral, é simplesmente assombroso! Detém-lhe a progressão. Faz que desapareça, não raro com acentuada rapidez, o conjunto delirante absurdo e pueril que empresta ao mal a sua assinatura. Revigora a nutrição gravemente comprometida. Provoca e estimula á renascença, da ruina e da dissolução em que precipitamente se afunda, uma inteligencia que ainda se vai aproveitar em todas as manifestações de sua atividade! Modifica os humores do organismo, que assinalam a presença do agente causal da sífilis, responsavel unico da desgraça. (Estudos de *Jacob* o autorizam a aceitar a possivel reintegração total das celulas nervosas).

De tudo até, logicamente decorre que se aplique, em casos tais, o tratamento no mais breve e possivel oportunismo.

Ainda, o advento da *malarioterapia*, a maior, a mais empolgante conquista terapeutica de nossos dias, veio modificar o conceito univoco, que a observação sancionava, a respeito da demencia, expressão que se define: enfraquecimento leve ou profundo, parcial ou total das faculdades intellectuais, morais e affectivas, mas de caracter irrevocavel, irremissivel.

Pois bem: a paralisia geral nominada ainda, como melhor, demencia paralitica, obriga, d'ora avante, em face de sua cura, a revogar-se o conceito da *demencia*.

Alfim, legitima-se, ainda mais, o nosso avisado envaidecimento, se atendermos que essa terapeutica, que sana, equivale, em seu triunfo, a que conseguir (para o que tanto se extrema a humanidade) debelar o cancer ou a tuberculose.

* * *

Srs. Estudantes.

Tempo é já de findarmos a nossa digressão pelos arraiais psiquiatricos.

Não nos despedamos, porém, sem primeiramente nos penitenciar de um estratagemma utilizado no começar desta tertulia.

Veso de psiquiatro que, ao inquirir os transviados da razão não têm, muita vez, as perguntas e questões que a eles lhes propomos a finalidade que transluz, á prima vista. Intencionadamente outros designios. Assim, ao vos dizer de nossa autofilia, ao nos jactarmos de vaidade por trilhar

seára tão prenhe de encantos e munificencias, nada mais que um preconcio do valimento da Psiquiatria, para despertar bem vossa atenção e vos induzir de melhor interesse, de mais animo e de maior entusiasmo.

Ao manifestar o meu aprazimento, quando elegido para esta solenidade, o foi tão só pelo oportunismo de vos poder falar.

Nem outro o nosso modo de entender, pois ao psiquiatro, severo e lial que cumpre ser no julgamento do psiquismo alheio, não haja exculpação em acoitar e acariciar deselegantes sentimentos.

E assim não fosse; tomasseis por lidima expressão a vaidade apre-goada; se não nos acreditasseis — seria reconhecermos situações hierarquizadas nos diferentes ramos de applicação da Medicina, quando todas as suas diversificações sabidamente são élos constituintes de uma só cadeia, em absoluto inseparaveis, todos do mesmo brilho, todos do mesmo prego!

Em verdade não se dispensam. Não se desprendem. Solidarizam-se todos para a mesma finalidade!

Contudo, se no determinismo do meu ser, dou aso, occultamente embora, a que se alimente um sentimento egoistico, humano que sou, envaideço-me, sim, de me haver inscrito, por toda a minha vida, no culto e na pratica da Medicina, a mais bela das ciencias, filha diletta dos Deuses do Olimpo, excelsa e sublimada, que empolga e proemina, entre as demais, pela sua vasta projecção no cenario social; pelo valor de sua eficaz colaboração no bem-estar e na felicidade dos Povos.

E que, por tanto, bem merece o nosso orgulho e a nossa veneração sem limites, servindo-a, dignificando-a, honrando-a, de todos os modos, para sua maior gloria e para bem maior da Humanidade!

Snrs. Professores, penhorado pela vossa gentileza.

Tendes aí, em nossa lição inaugural, que se poderá dizer: a *Psiquiatria* “à vol d’oiseau”, a minha promessa formal aos Srs. Estudantes de leva-los ao portico de tão grandioso edificio!